

◀A APOTHEOSE▶ (*)

(A VICTOR-HUGO)

Como a aguia secular de volta do infinito
Cae fulminada alfim no ninho de granito,
Assim a aguia franceza a fronte illuminada
No seio reclinou da patria idolatrada ;
E quando elle tombou a França, a mãe querida,
Desventurada mãe, lacrimosa e sentida,
Envolta a fronte em dó, oppresso o peito em pranto
A alma a transbordar de affécto sacrosanto,
Junto ao modesto esquife onde elle repousava
Em extases de dor sublime assim clamava :

« Filhos da livre França ! heroicos descendentes
« Do indomavel gualéz e das raças ingentos
« Dos velhos immortaes que ás novas gerações
« Deixaram por legado as grandes tradições
« Que enchem de pasmo e luz as paginas da historia
« E aonde em cada feito ha uma nova gloria !
« Em nome do dever, vindo todos, francezes,
« Mendigos, aldeães e nobres burguezes,
« Das aguas do canal té o confim de Hespanha,
« Da fronteira do mar até á Allemanha,
« De Toulon a Calais, de Belfort a Pariz,
« Vós todos que adoraes vosso grande paiz
« Desde as margens do Rheno até á foz do Senna
« E mesmo de além-mar, de Alger e de Cayenna !

(*) Offerecido pelo autor ao Instituto do Ceará.

« Regae o patrio solo em lagrimas de dor
 « E envolvei em crepe o emblema tricolor,
 « Esse labaro augusto onde a humanidade
 « Já encontrou abrigo e luz o liberdade !
 « Filhos da livre França ! heróicos descendentes
 « Do indomavel gaulez ! prostrae-vos reverentes
 « Ante o tumulo augusto onde tranquillo dorme
 « O extincto luctador, o luctador enorme,
 « Apostolo do bem, cujo genio fecundo
 « Um seculo influiu na evolução do mundo
 « Ajoelhae tambem, vós, humanidade,
 « A hora já soou da immortalidade

E o echo repetiu vibrando em som plangente
 Do grave Pantheon na abobada silente
 Da França a triste voz. E como que evocados
 Resurgem do passado os vultos laureados
 Das grandes tradições da gloriosa França :
 O vulto escultural de capacete e lança
 De Brennus o gaulez, de formas sobrehumanas,
 Que espalhara o terror pelas hostes romanas,
 Ostentando o fulgor da esplendida armadura ;
 Do forte Carlos Magno a intrepida figura
 Qual soubera ostentar-se ante a valente tropa
 Que venceu-lhe o dominio occidental da Europa ;
 Sob o manto de arminho o puro S. Luiz
 Traz o seu regio emblema, a branca flor de liz ;
 Refulgo-lhe na frente a c'róa rutilante
 E o direito divino em placido semblante.
 Vem depois o perfil do Bearnez altivo,
 Soberbo, insinuante e, embora redivivo,
 Trazendo por brazão a nodosa ensanguentada
 Com que o sagrou heróe a extrema punhalada.
 O rei filho do sol, tendo a physionomia
 Da hora em que o poder do Estado absorvia,
 Tyranica o audaz, mas cheia de grandeza
 —Era o preito leal da antiga realeza
 Ao seu demolidor, mas nobre campeão
 Que sempre a combateu com as armas da razão.

Em plano superior mostram-se soberanos
 Esplendidos de gloria, os astros sobrehumanos
 Os astros geniaes de primeira grandeza !
 Trazem na frente a luz d'ess'outra realza
 A realza do genio !

Esse semblaote fino

Em cujos labios brilha um sarcasmo ferino.
 E' o rei do epigramma, o chocarreiro egregio
 Que fulminou de morte o estulto privilegio.
 Aquelle de idéal, grave physionomia
 E' o sabio fundador da encyclopedia.
 Ess'outro perapicaz e grave pensador
 Do « Espirito das Leis » é o profundo autor.
 Esse orador colosso, impavido leão
 Em cuja voz estruge a gamma do trovão
 Precursor da tormenta, é o forte Mirabeau,
 Ess'outro é da Gironda o cysne ; é Vergniaud.
 Esse athleta feroz, homperico, imponente
 E' da revolução o vulto mais potente,
 A um tempo algoz e heróe : titanico Danton
 Que pela guilbotina escala o Pantheon,
 Destaca-se no fundo um vulto illuminado :
 Ha um que de divino e de predestinado
 No todo varonil : o arcanjo da victoria
 Lhe atêa em torno a frente á aureola de gloria :
 Em seu semblante de aguia, em seu olhar profundo
 Resplende inda o clarão que deslumbrara o mundo
 De Marengo a Aboukir, do Wagram a Moscow
 Do alto Capitolio ao chão de Waterloo.
 — Irmãos da idéa nova, heroicos luctadores
 Eis da França hodierna os taes grandes factoras ;
 Um traz no vivo olhar, na velha frente calma,
 De philosopho a mente e de estadista a alma.
 Outro meridional, apaixonado, ardente
 E' um tribuno indomito, um orador valente.
 Esse de sonhadora, idéal physionomia
 E' o genio da patria, o archanjo da harmonia !
 Cinge-lhe a frente meiga a c'róa de poeta :
 São o velbo Thiers, Lamartine e Gambetta !

E dos astros do genio a luz que se desprende
 N'esse recinto augusto estranha flamma accende ;
 Ha no templo da gloria uma metamorphose
 E' do vate sublime a justa apotheose
 Monagem que lhe rende a grata humanidade ;
 Eil-o ! Sereno, olympico em fundo de diamante
 Se insculpe o velho aspecto, o angelico semblante !
 Bandos de *Orientalas* (1) em torno de seu throno
 Espalham em festões gentis *folhas do outomno* (2)
 A sou olhar então surgem as multidões
 Dos filhos de seu genio, as suas creações .
 Epicas, immortaes, grandiosas, eternas
 Das mais vivas paixões incarnações supernas !
 O condemnado aqui, na carreta infamante,
 Preliba, oh ! Deus ! o horror do derradeiro instante.
 Lá sustenta o punhal de Ernani o braço forte,
 Além vê-se a Tudor na tragedia da morte.
 Fugindo as seducções ri travessa a Esmeralda.
 Emquanto a Frolo o amor incestuoso escalda.
 Esse horrendo sublime é o terno Giliat
 O galé do trabalho, o heroico paria.
 Junto ao falso Clubin, o corvo da cubica
 Stá o rigido Javert, o falcão da justiça.
 Gavroche entõa um hymno á infancia abandonada,
 Emquanto essa infeliz virgem desamparada,
 Casta, mas sem pudor, miserrima Eponina
 Faz-se noiva da morte ! Após ella é Fantina
 A meretriz, a ré do fôro social
 Martyr do grande amor, do affecto maternal.
 Eis alli dous rivaes ; polos do fanatismo
 Implacaveis, crueis, mas cheios de heroismo :
 O nobre Lanténac e o padre Cimourdain,
 Contrastam em doçura Enjolras e Gouvain
 Radiantes perfis da heroica mocidade
 Dando-se em holocausto á deusa liberdade,
 De nobre abnegação em generoso afan !
 Por ultimo, o maior, um galé : João Valjean !

(1) Titulo de um dos seus volumes de versos.

(2) Idem.

Então como espiral de incenso mysterioso
 Eleva-se a seus pés um canto harmonioso
 Como os sons idéaes de mil harpas sólias,
 Suave como o odor dolente das magnolias :
 Um hymno triumphal, porém de accordes graves,
 Triste como o luar ou como arrulhos de aves !
 E' o hymno da indigencia, a voz dos desgraçados
 Vasando o coração em hosannas sagradas :
 « Tu foste o defensor e o pai dos miseraveis
 « Tu que curaste ao povo as chagas incuraveis :
 « Bem hajas, aujo bom, que os filhos da desgraça
 « Dêste sempre a libar da esperança a taça !
 « Tu foste da proscripta o archanjo tutellar
 « E o balsamo da luz levaste ao lupanar ;
 « No carcere infamante o apostolo da fé
 « Tu que santificaste o misero galé !
 « Dêste o ninho do affecto ás loiras criancinhas
 « Eugeitadas dos pais : ás orphãs andorinhas ;
 « No prelio social dos bravos foste o bravo
 « Fulminando a oppressão do infeliz escravo !
 « Foste da liberdade o foco sideral :
 « Teu raio penetrando o negro antro do mal
 « O espectro anniquilou da velha tyrannia !
 « Salve ! genio immortal ! deus da democracia !
 E o Deus da caridade, o Deus da lei do amor
 Acolhe no seu seio o seu continuador.
 E a França agradecida em um beijo maternal
 Depõe-lhe sobre a fronte a c'roa de immortal.

Limoeiro Maio de 1885.

Antonio Pitangu.

